



O NORDESTE EM DUAS RODAS

1995 Nº 201 - 25/01/95

**BOAS FESTAS
PEDENE CHAMPANHE
RIO JORDÃO
O FIM DO TUNEL**

Piscina natural
em Fernando
de Noronha

JUAG ROBERTO RICOBOM

004203

(EC/SOT

Arquivo

R VOLUNTARIOS DA PATRIA 233

CURITIBA - PR

JEANE

SUMÁRIO

TRANSMISSÃO
Energia para o litoral 3

RIO JORDÃO
O fim do túnel 4 e 5

FIM DE ANO
Um banho de
champanhe 6 a 9

DIRETO DA CAPA
Descobrimo o
Nordeste 10 a 13

AIDS
Programa tem
multiplicadores 14

NOTAS 15 a 18

TODO MUNDO
LIGADINHO 19

IMAGEM 20

CARTAS

Gostaria de parabenizar a equipe do Núcleo de Jornalismo. A revista *Copel Informações* tem sido um sucesso. Gostaríamos de dar a seguinte idéia para a próxima edição: Geração Sucesso de 1995. São as debutantes desta temporada primaveril, apresentadas à sociedade nas passarelas dos salões paranaenses, filhas de colegas copelianos.

Oscar Luna Neto - SRH/
DPRH/VCAM

AMIGO COPELIANO,

Em recente cerimônia na Usina de Segredo (conclusão da última etapa do túnel de desvio do Rio Jordão, com a presença do governador Jaime Lerner e da Imprensa), pude mais uma vez constatar como as coisas funcionam bem na Copel. Desde a engenharia, tradição maior da empresa, passando pela organização e finalmente a recepção aos convidados, não houve um senão sequer. Um exemplo isolado, é verdade, da eficiência da empresa, mas que retrata e ratifica o valor de nossos quadros, a endossar as grandes realizações que temos pela frente.

Fim de ano é época de balanço, mas minha proposta é exatamente olharmos para a frente, para o futuro. Nos 41 anos de existência da Copel, nossos quadros nos legaram as bases para uma nova etapa da vida da empresa. A tradição de obras, que nos deu renome nacional e internacional, dividirá a partir de agora seu espaço com incursões em outras áreas, cujos frutos tendem inclusive a superar a receita com geração e distribuição de energia.

De fato, pude constatar, nos chamados países do primeiro mundo, que a venda de energia das principais empresas cedeu lugar no faturamento global para outras atividades, como a transmissão de dados, por exemplo. Há um grande universo de prestação de serviços para as distribuidoras de energia elétrica, fruto, não se deve esquecer, da atividade original dessas empresas.

É normal que uma época de transição como a que vivemos gere alguma ansiedade, preocupações e até inferências desconstruídas. Não há motivos, porém, para receios. Nossos quadros estão à altura dos desafios que temos pela frente. A Copel, patrimônio do povo paranaense, muito bem guardado pelos copelianos, acumulou conhecimento, competência e massa crítica invejáveis, que nos garantem sucesso nos novos empreendimentos que virão. No futuro, seremos com certeza muito mais que uma grande produtora e distribuidora de energia elétrica.

Vivemos em 1995 o primeiro ano de governo estadual e de gestão na Copel. Foram traçados e alavancados nossos planos e metas. Contatos importantíssimos e profícuos foram desenvolvidos no País e no exterior. Somos atraentes para o aporte de recursos e estamos abertos para novas boas idéias. Além disso, temos competência. Dispomos portanto das ferramentas para o sucesso, fundamentando nosso otimismo quanto ao grande futuro desta grande empresa.

Feliz Natal, copelianos, e um grande futuro para todos nós.

Ingo Hübert

COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA - COPEL (criada em 26 de outubro de 1954) • **Presidente:** Ingo Henrique Hübert • **Dir. Engenharia e Construção:** Simão Blinder • **Dir. Econômico-Financeiro:** Renato Martins Alves • **Dir. Administrativo:** Miguel Augusto Queiroz Schünemann • **Dir. de Distribuição:** Mário Roberto Bertoni • **Dir. de Operação:** Lindolfo Zimmer • **Copel Informações-** Revista de distribuição dirigida pelo Núcleo de Jornalismo da Copel • **Conselho Editorial:** Julio A. Malladas Junior - Romeu Franzen • **Editora:** Ciméa Bevilaqua • **Fotos:** Irineu Nievola - Ennio Vianna - Carlos Borba - Mônica Rocha Mello • **Colaboradores:** Christian Schwartz, Dorival Ignácio, Eder Dudeczak, Jairo Resende Jr. e Salvador Francisco • **Redação:** Rua Coronel Dulcídio, 800 Fone: (041) 322-3535 - ramal 4329 - CEP 80420-170 - Curitiba - Paraná • **Produção Gráfica e Editoração Eletrônica:** Fátoria de Arte Criação e Comunicação - Fone/fax: (041) 233-3856 • **Fotolito:** Opta Originais Gráficos e Editora Ltda. • **Impressão:** Clichepar Editora & Indústria Gráfica Ltda.

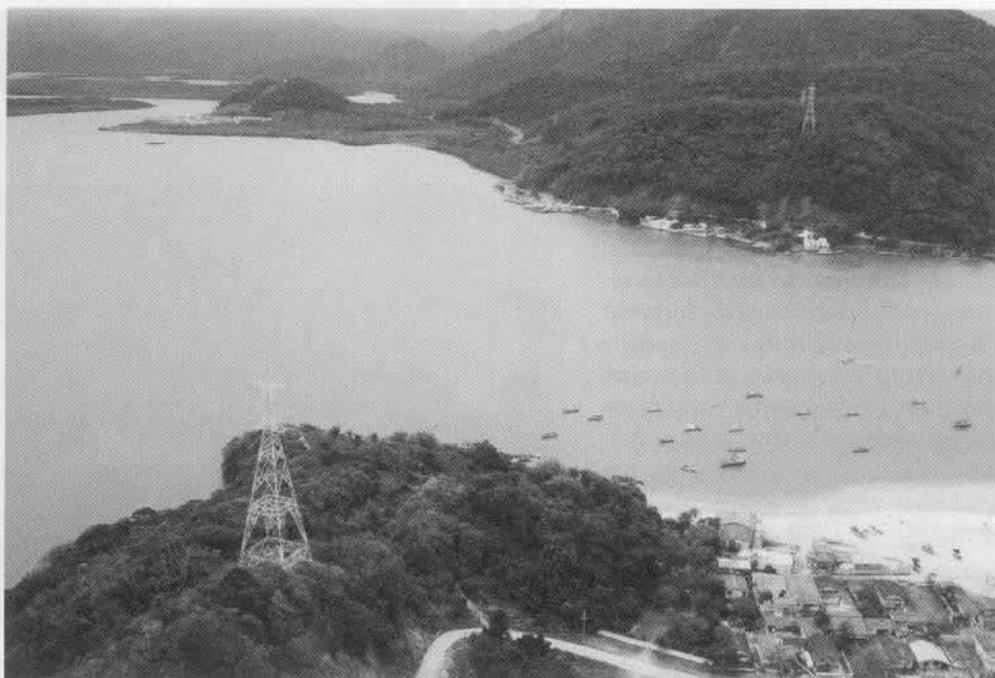
ENERGIA PARA A TEMPORADA

INVESTIMENTOS DA COPEL NO LITORAL CHEGAM A R\$ 7 MILHÕES

A Copel está investindo para atender ao aumento do consumo de eletricidade no litoral durante a temporada de verão, três vezes maior que nos demais meses do ano. São novas obras em linhas de alta tensão e subestações, que vão ampliar a capacidade de operação do sistema. Ainda em dezembro estarão concluídas as obras de ampliação da subestação de Matinhos. Em janeiro, entra em operação a nova subestação de Praia de Leste. Também estão sendo executadas obras para garantir a confiabilidade do sistema de transmissão em Guaratuba. No total, os investimentos em transmissão ultrapassam os R\$ 7 milhões.

Para ampliar a subestação de Matinhos estão sendo investidos R\$ 3,3 milhões. Além do aumento da potência de transformação para 82 MVA (megavolts-ampères), está sendo construído um novo pátio para o setor de 138 mil Volts. A subestação vai atender as cargas dos balneários situados entre Albatroz e Caiobá, e também Guaratuba e Itapoá (Santa Catarina), com linhas de 34,5 mil e 13,8 mil Volts. A unidade de Matinhos será alimentada pela derivação de uma das linhas de transmissão que ligam a Usina Governador Parigot de Souza (Capivari-Cachoeira) e Paranaguá.

A nova subestação de Praia de Leste, que estará pronta em janeiro, vai operar na tensão de 138 mil



Guaratuba: R\$ 150 mil para reforçar a estabilidade das torres de transmissão

Volts e potência de transformação de 41 MVA. Assim como a subestação de Matinhos, a unidade de Praia de Leste será alimentada a partir de uma das linhas de transmissão que saem da Usina Capivari-Cachoeira. Dali partirão linhas de 34,5 mil e 13,8 mil Volts para atendimento aos balneários compreendidos entre Albatroz e Pontal do Sul. O investimento é de R\$ 3,9 milhões.

A partir da entrada em operação da nova subestação de Praia de Leste e da ampliação em Matinhos, todo o sistema de transmissão da Copel passa a operar na tensão de 138 mil Volts, substituindo o atual de 69 mil Volts.

Além de ampliar a oferta de energia elétrica em toda a região, a nova configuração do sistema vai melhorar o suporte para atendimento em condições de emergência operacional, reduzindo as inter-

rupções causadas por defeito nas linhas.

GUARATUBA

Também estão sendo concluídas as obras de contenção de encosta no Morro das Caieiras, em Guaratuba, junto à torre de transmissão que sustenta os cabos elétricos sobre a baía. A estabilidade da estrutura metálica de 56 metros de altura e 23 toneladas de peso ficou ameaçada pela erosão e deslizamentos provocados pelas chuvas do início do ano, colocando em risco os serviços elétricos do município. A um custo de R\$ 150 mil, a Superintendência de Obras de Transmissão está reforçando esta e as demais estruturas que sustentam a linha até a subestação da cidade. O projeto inclui a implantação de sistemas de drenagem e plantio de grama ao redor das torres para evitar a erosão. ■

LUZ NO FIM DO TÚNEL

GOVERNADOR DETONA EXPLOSIVOS PARA CONCLUIR O TÚNEL DE DERIVAÇÃO

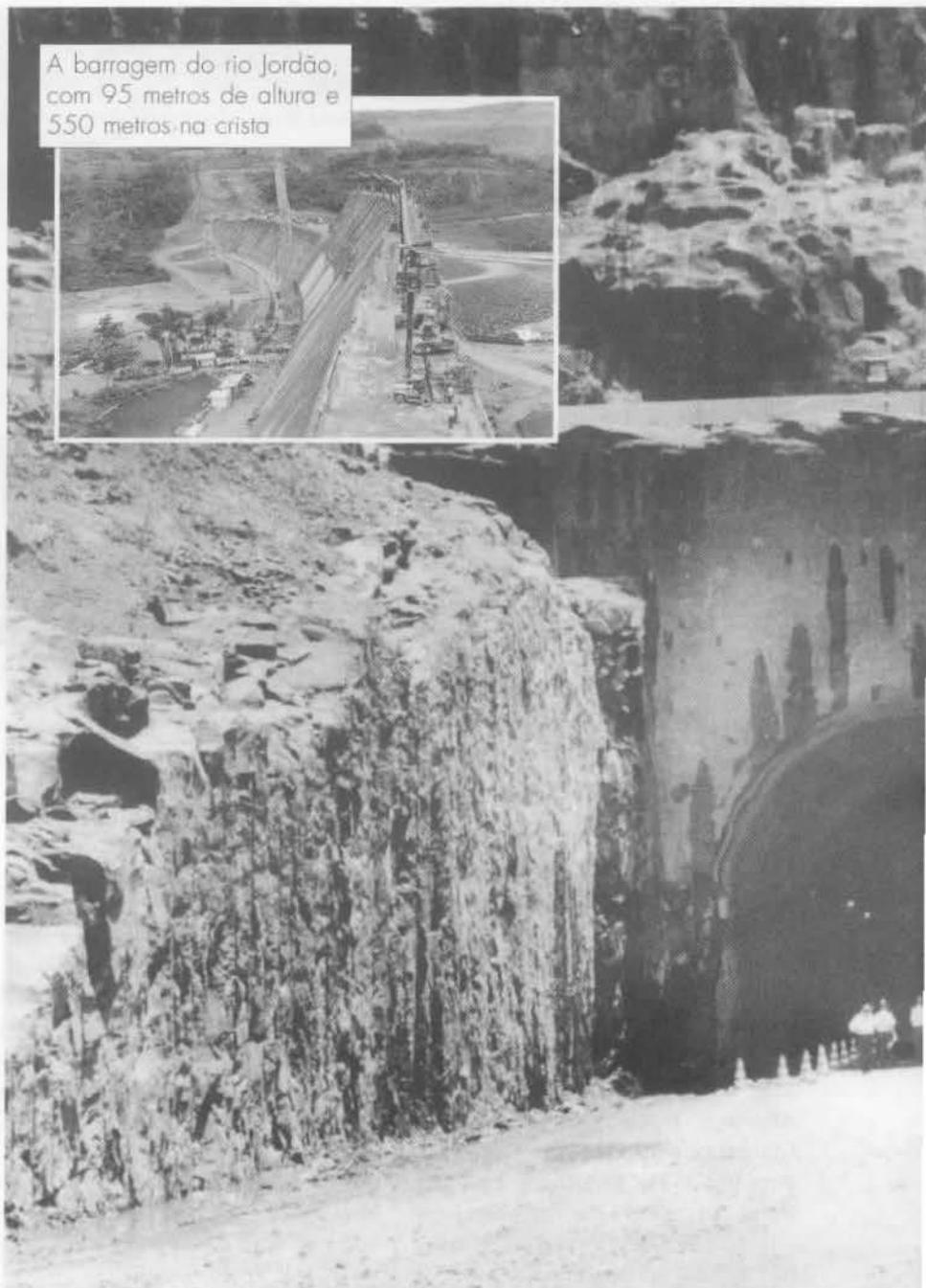
Bastou o governador Jaime Lerner apertar um botão para que uma parede de basalto de três metros de espessura viesse abaixo. A explosão comandada pelo governador completou, no dia 24 de novembro, a escavação do túnel de 4.704 metros que levará, a partir de março, as águas do Rio Jordão até o reservatório da Usina de Segredo. Desde setembro do ano passado, o túnel vinha sendo escavado a partir das duas extremidades, envolvendo um contingente de cerca de cem trabalhadores. A abertura do trecho final, mais ou menos no meio do túnel, foi assistida pelo presidente da Copel, Ingo Hübert, os diretores Simão Blinder (DEC), Renato Martins Alves (DEF), Miguel Schünemann (DAD) e autoridades da região.

Desde o início das escavações, essa operação foi repetida aproximadamente 1,4 mil vezes, exigindo de oito a onze horas de trabalho em cada etapa. Primeiro, perfuratrizes com brocas alinhadas por mira a laser executavam cem furos de 4,4 metros de profundidade média, onde eram alojados de quatrocentos a 550 quilos de explosivos, conforme o grau de resistência da rocha. Depois da detonação, pás carregadeiras e caminhões de grande porte removiam o material, limpando a área para o reinício do processo.

INFRAESTRUTURA

A derivação do rio Jordão complementa o empreendimento da Usina de Segredo, inaugurada em setembro de 1992, que opera com 1.260 MW de potência instalada. A um custo da ordem de R\$ 100 milhões, a Copel vai ampliar em 10% a capacidade de produção de

A barragem do rio Jordão, com 95 metros de altura e 550 metros na crista



energia da usina. Essa geração adicional equivale, por exemplo, ao consumo de uma cidade como Maringá. O projeto compreende a construção de uma barragem no rio Jordão entre os municípios de

Pinhão e Candói, a perfuração do túnel de derivação- concluída pelo governador- e, para aproveitar a vazão que será mantida a jusante da barragem, a instalação de uma hidrelétrica de 6,5 MW. Esta usina



O governador aciona o detonador para a explosão do último trecho do túnel

Caxias e das usinas do rio Tibagi, o Estado terá uma infraestrutura invejável em termos energéticos”, disse Lerner. “Não precisaremos nos preocupar com equações e fórmulas difíceis para atrair investimentos, porque eles surgirão naturalmente.”

O túnel que passou a ligar o Jordão ao Iguazu tem comprimento equivalente a 10% do Eurotúnel, que une a França e a Inglaterra sob o Canal da Mancha. Totalmente escavado em basalto maciço, o túnel da Copel tem nove metros de diâmetro e dará vazão a 184 metros cúbicos de água por segundo. No trabalho de perfuração foram consumidos mais de 500 mil quilos de explosivos, para a remoção de 340 mil metros cúbicos de rocha - volume suficiente para lotar uma frota de 30 mil caminhões fora-de-estrada. “A solução encontrada pelos técnicos da Copel com a construção do túnel de derivação do rio Jordão vai permitir a geração de energia adicional em Segredo a um custo extremamente baixo”, destacou o presidente Ingo Hübert. “Além disso, estamos usando na barragem a técnica pioneira de concreto compactado a rolo, 30% mais econômica que os métodos tradicionais de concretagem”, lembrou.

O concreto compactado a rolo (CCR) dispensa o uso de ferragens internas (as armaduras) e exige menor quantidade de cimento, além de possibilitar o uso de equipamentos para construção rodoviária. A soma desses fatores resulta em maior economia e rapidez na execução da obra. A barragem do Jordão vai consumir 570 mil metros cúbicos desse tipo de concreto, atingindo altura máxima de 95 metros e comprimento de 550 metros na crista. Hoje 90% dos volumes totais previstos já estão executados. Em março será formado o lago com 3,4 quilômetros quadrados de superfície (dessa área, 75% correspondem à calha natural do rio). ■



O túnel de derivação, que tem 4.704 metros de comprimento

poderá gerar energia suficiente para uma cidade do tamanho de Cianorte, e deve entrar em operação a partir de maio de 1996.

“Investir em produção de energia é estratégico para a proposta de

atração de investimentos e industrialização que temos para o Paraná”, afirmou o governador Jaime Lerner em sua visita ao canteiro de obras. “Com o aumento da capacidade de Segredo, a construção de Salto

O BRINDE DAS BOAS FESTAS

CELEBRAR COM CHAMPANHE É TRADIÇÃO DE QUASE DOIS SÉCULOS

Na casa de Elieti dos Santos Camotti (SDN/CNGN), em Maringá, o cardápio das festas de fim de ano é variado. No Natal a mesa é arrumada com frutas, sobremesas e o tradicional peru. No Ano Novo, quando os parentes de Curitiba também aparecem para a festa, a família prefere churrasco. Mas o brinde à meia-noite, nas duas datas, é um ritual obrigatório. "Lá em casa não falta champanhe nesses dias, é sagrado", conta Elieti.

Champanhe também é o acompanhamento indispensável para a "famosa" torta de limão feita pela mãe de Kelly Christina Gomes, ascensorista do edifício-sede da Copel, para a festa de Natal. Kelly só lamenta que o champanhe "de verdade" esteja tão caro, o que levou a família a substituí-lo pela sidra. O pernil de porco- que fuça para frente e, segundo a sabedoria popular, traz boa sorte- completa o cardápio.

Mesmo sem saber, as duas famílias- e, com certeza, muitos outros copelianos- estão perpetuando uma tradição de quase dois séculos: desde seu surgimento, o champanhe (trata-se de um tipo de vinho, por isso o correto é dizer "o" champanhe) passou a ser utilizado pela nobreza européia como a bebida das comemorações por excelência. Mas não é preciso ser nobre — e nem mesmo gastar muito, ao contrário do que imagina a ascensorista Kelly — para apreciar um bom champanhe. A rigor, não é preciso nem mesmo uma data especial, embora esse vinho diferente, leve e borbulhante combine particularmente bem com o alto astral das festividades. "O champanhe é uma das bebidas mais versáteis", explica o engenheiro Carlos Eduardo Gouvêa da Costa, que depois de 27



A ascensorista Kelly, pronta para os brindes de fim de ano

anos de Copel se aposentou em 1991. Ex-diretor de distribuição, Gouvêa também é um apaixonado pelos bons vinhos e foi um dos fundadores da Sociedade Paranaense dos Amigos do Vinho. "O champanhe é praticamente o único vinho que se pode tomar durante toda a refeição, porque acompanha quase todo tipo de prato, da entrada à sobremesa", diz Gouvêa. As duas únicas restrições são o chocolate e os alimentos ácidos- saladas temperadas com vinagre ou sobremesas à base de frutas cítricas.

No Brasil, porém, o consumo do champanhe ainda é reservado para datas especiais. Na família do gaúcho Ademir Valério Marsicano (SDO/CNCO), por exemplo, a be-

bida só aparece no Natal, "uma festa mais requintada". A estrela da festa de Ano Novo é o churrasco, que acontece na casa da mãe dele, no Rio Grande do Sul. A chegada da meia-noite, então, é recebida com cerveja. "O gaúcho prefere uma cervejinha", justifica Ademir.

ESPUMA NATURAL

Tão diferentes, pelo menos uma coisa a cerveja e o champanhe têm em comum: sua efervescência é natural, formada no próprio processo de fabricação. Ou seja, ao contrário de outras bebidas espumantes, como a sidra, os diversos tipos de coolers e os refrigerantes, as bolhinhas do champanhe (quanto menores, melhor é a qualidade) não são

acrescentadas à bebida já pronta. Para que elas se formem, são necessárias duas fermentações. Na primeira produz-se o vinho-base, normalmente a partir da combinação das uvas brancas Chardonnay e de duas qualidades de uvas tintas - a Pinot Noir e a Pinot Meunier.

A segunda fermentação é provocada pela adição de açúcar, em recipiente fechado. Se o vinho estiver armazenado em grandes tonéis, o método é chamado *charmat*; se a fermentação for feita dentro da própria garrafa, o processo é chamado *champenoise*. "É assim que se produzem os melhores champagnes", explica Gouvêa.

Nos dois métodos de fermentação, o gás carbônico fica aprisionado no recipi-

ente, formando as bolhinhas que fazem o charme inigualável do champanhe. É por isso também que a bebida precisa de uma garrafa especial, mais resistente, e a rolha é protegida por uma *gaiola* de arame. A pressão dentro de uma garrafa de champanhe chega a 70 libras - o equivalente a um pneu de caminhão.

Mas mesmo que todas essas etapas da fabricação sejam cumpridas rigorosamente, só merece o nome "champanhe" a bebida produzida na região de Champagne, na França, que fica aproximadamente du-

zientos quilômetros a Nordeste de Paris. Em outros países, e mesmo em outras regiões da França, o vinho espumante natural recebe outros nomes, como *spumanti* na Itália e *cava* na Espanha.

O MISTÉRIO DE D. PÉRIGNON

Em Champagne, a tradição dos bons vinhos vem desde o Império Romano. E já naquela época, um mistério intrigava os produtores: por mais cuidados que se tomasse, o vinho acabava saindo espumante, uma característica indesejada que, segundo se pensava, comprometia sua qualidade. Hoje se sabe que o que faz a diferença do vinho de Champagne é o clima frio da França setentrional, que produz uvas mais ácidas, e o solo também ácido.

Foi só no final do século XVII, porém, que essas características começaram a ser exploradas. Designado despenseiro do mosteiro beneditino Hautvillier, em Champagne, o monge cego Dom Pérignon decidiu transformar o defeito em qualidade: experimentou acrescentar açúcar para acentuar o caráter frisante do vinho local e acabou praticamente inventando o champanhe.

Até hoje, o champanhe que leva o nome de Dom Pérignon é um dos mais famosos do mundo. E é a quantidade de açúcar adicionada para a segunda fermentação que faz a classificação dos tipos de champanhe:



As taças altas e estreitas conservam melhor o bouquet e a efervescência do champanhe



Gouvêa: o champanhe é uma das bebidas mais versáteis

brût (de 0 a 15 gramas de açúcar por litro), *sec* (de 15,1 a 20 gramas), *dêmi-sec* (de 20,1 a 60 gramas) e *doux* (mais de 60 gramas por litro).

Mas a história não é tão simples. Para começar, não havia na época de Dom Pérignon garrafas adequadas para resistir à pressão da bebida. A maior parte da produção acabava se perdendo, porque as garrafas explodiam antes que o champanhe pudesse ser consumido. Foi só no século XIX que o aperfeiçoamento do processo de fabricação possibilitou uma produção regular. O primeiro champanhe a ser comercializado, a partir de 1820, foi o Veuve Clicquot-Ponsardin. O vinho, que leva o nome da proprietária - a viúva Clicquot-, compete ainda hoje com o Dom Pérignon (e o Moët & Chandon) pelo título de mais apreciado champanhe do mundo.

GOLPE DE SABRE

Com toda essa tradição, abrir um champanhe é sempre um ritual. Não é preciso chegar ao requinte da confraria francesa do Sabre de Ouro, que mantém o costume surgido entre os oficiais das tropas de

Napoleão Bonaparte de abrir o champanhe com um só golpe certo de sabre, que arranca o gargalo da garrafa. "Não há estilhaços e o líquido não derrama", garante Gouvêa, ele próprio um mestre nessa arte. Mas seguir algumas recomendações simples pode aumentar o prazer de degustar um bom champanhe.

Em primeiro lugar, o cálice adequado. O ideal é o do tipo *flûte* (flauta, em francês) ou tulipa, comprido e de boca estreita. "Esse cálice converva melhor a preciosidade das borbulhas e concentra os aromas", ensina Gouvêa. Outro segredo é servir primeiro um dedo de líquido, e só depois completar até no máximo a metade da taça. "Isso esfria a base do cálice e favorece a persistência das borbulhas."

Também importante é a temperatura da bebida. Uma surpresa: não se deve colocar o champanhe na geladeira. O frio, dizem os especialistas, resseca e torna quebradiça a rolha, dificultando a abertura da garrafa. O certo é deixá-la repousar por cerca de meia hora em um balde com gelo e água, o suficiente para que o champanhe chegue a 4

ou 5 graus centígrados. Entre abrir e servir a temperatura chega ao ideal, entre 6 e 8 graus.

Outra recomendação dos especialistas também pode deixar muita gente de queixo caído. Ao contrário do que se vê na televisão - e, principalmente, nas corridas de Fórmula 1-, é errado estourar o champanhe. Pode parecer sem graça, mas Gouvêa explica o porquê: "Com o estouro perde-se boa parte do gás que, diluído na bebida, torna-a leve e agradável". O correto é retirar a *gaiola* de arame, inclinar a garrafa, segurando-a por baixo, e girar a rolha devagar. O estouro vira um suspiro, mas com certeza o prazer da degustação será muito maior. Uma última dica: o champanhe é um vinho que, com raríssimas exceções, deve ser consumido ainda jovem. O sabor e a efervescência não melhoram com o tempo, muito pelo contrário. "Não se deve estocar o champanhe por mais de seis meses, no máximo um ano", explica Gouvêa. Por isso, se sobrar champanhe das festas de Natal e Reveillon, nada de esperar o próximo final de ano. Qualquer motivo vale para um brinde. *Tim tim!*

AS BOAS ESCOLHAS

NACIONAIS OU IMPORTADOS, HÁ OPÇÕES PARA TODOS OS BOLSOS

Para provar as marcas mais famosas de champanhe é preciso preparar o bolso. Uma garrafa de 750 ml de Veuve Clicquot Ponsardin, por exemplo, custa R\$ 78. Parece muito? O raríssimo D. Pérignon *rosé brut, vintage* 1985, é vendido a R\$ 472,50 numa das principais importadoras de Curitiba. Por esse preço, é possível comprar na mesma loja quase três garrafas de um litro e meio de Moët & Chandon, ao preço de R\$ 155 cada. Outras marcas famosas no mundo inteiro são a Krug, a Taittinger, a Deutz e a Laurent Perrier.

O preço dos champanhes "legítimos", produzidos na região de Champagne, porém, não precisa assustar ninguém. Há boas opções de vinhos espumantes naturais feitos em outros países- e até no Brasil. "O champanhe brasileiro é o melhor da América do Sul", garante Carlos Eduardo Gouvêa da Costa. Se o clima da serra gaúcha e o solo ácido não favorecem a produção de vinhos tintos, são quase perfeitos para o champanhe. Além disso, as vinícolas gaúchas utilizam tecnologias européias que asseguram a qualidade da produção.

De acordo com Gouvêa, algumas boas marcas nacionais são a Chandon (R\$ 13,87), a Peterlongo *brut* (R\$ 4,60) e o champanhe da vinícola Forestier.

Quem quiser provar um espumante italiano também não precisa gastar muito: nos bons supermercados, há diversas opções da vinícola Zonin a partir de R\$ 7,80.

UM COQUETEL DE CHAMPANHE

O champanhe é o principal ingrediente de um dos coquetéis mais sofisticados: o Kyr Royal, inventado por um monge francês. Para prepará-lo, basta misturar num cálice do tipo *flûte* 4/5 de champanhe e 1/5 de licor de cassis (uma espécie de framboesa). Quem preferir uma bebida mais doce pode aumentar a quantidade de licor. A combinação é perfeita. Para preparar o coquetel, dê preferência aos champanhes mais baratos. Como diz o especialista Gouvêa, "nada pode melhorar um bom champanhe".

As marcas mais famosas: Dom Pérignon, Veuve Clicquot-Ponsardin e ...



... Moët & Chandon



As garrafas foram fotografadas na loja O Uadoro (Curitiba)

UM ROTEIRO DE SOL E MAR

DE MOTO, CASAL DESCOBRE O NORDESTE QUE NÃO ESTÁ NOS PACOTES TURÍSTICOS

Pilotar uma moto ao sabor do vento foi a forma que o analista comercial Marcos Abílio Bosquetti (SCO/DPPR/VNEC) descobriu para encontrar a liberdade e novas emoções. Ele e a mulher, a analista de sistemas Edith, viajaram de moto durante 41 dias pelo Nordeste e descobriram um pedaço do Brasil diferente daquele *feijão-com-arroz* que as agências de turismo oferecem a seus clientes. Exatamente três anos depois, as emoções da aventura por seis Estados nordestinos e duas ilhas (*veja o roteiro no mapa da página 12*) continuam vivas. E podem ser *oempurrãozinho* que faltava para quem ainda não programou as férias deste verão.

O casal planejava comemorar o Natal e o Ano Novo com a família de Edith, que mora em Maceió, capital de Alagoas. Realizando um sonho de adolescência de Marcos, decidiram viajar de moto, mesmo sem ter antes sequer percorrido em duas rodas os cem quilômetros que separam Curitiba do litoral paranaense. Compraram uma moto Yamaha XT 600 Ténéré e marcaram a viagem para o dia 22 de dezembro de 1992.

A COISA CERTA

Chegado o dia, saíram às 6 horas e só pegaram neblina na BR-116. No início ficaram muito inseguros e pensaram em desistir. "Será que estamos fazendo a coisa certa?", questionava-se Marcos, uma hora e meia depois. "Agora que chegamos até aqui, vamos até o final", retrucou Edith. Continuaram.

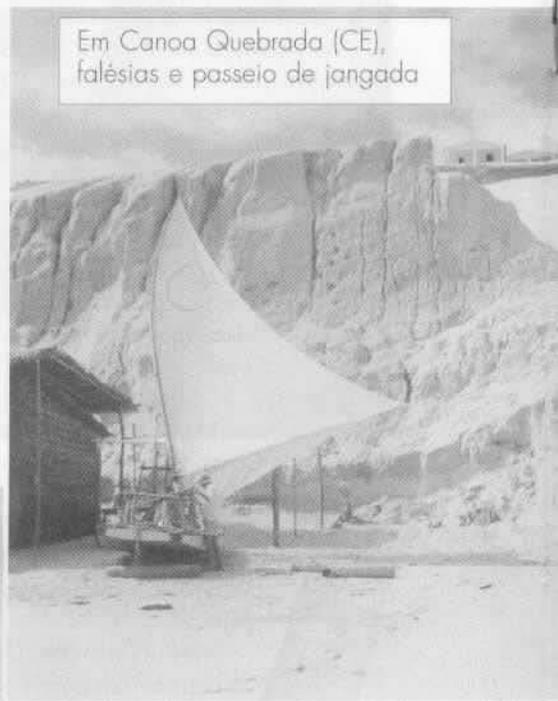
Após dez horas e 825 quilômetros chegaram em Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro. Para chegar a Maceió até a véspera de Natal, deveriam rodar mais dois mil quilô-

metros em dois dias. Mais acostumado, Marcos seguiu o conselho de viajantes experientes. Um deles é sempre parar por dez minutos a cada hora de viagem. Isto serve para aliviar as tensões do corpo e refrescar a cabeça. A outra dica é infalível. A cada parada, alguns goles da água-de-coco que os dois levavam em dois cantis. "Hidrata e tira o cansaço do corpo", ensina Marcos.

Como previsto, chegaram na véspera de Natal em Maceió, para surpresa dos pais de Edith, que não sabiam que o casal viria de moto.

Atrás da moita, Marcos se prepara para entrar na praia de nudismo de Tambaba (PB)

Em Canoa Quebrada (CE), falésias e passeio de jangada



Ficaram até o Ano Novo e decidiram que continuariam a conhecer o Nordeste.

TODO MUNDO NU

Passado o Ano Novo, o casal continuou a subir o Nordeste e a parada foi em Porto de Galinhas, em Pernambuco. A vila, formada por pescadores em sua maioria, possuía uma televisão na praça que era a maior atração à noite. Os moradores se reuniam para assistir ao Jornal Nacional e à novela. Praticar mergulho livre e passear de jangada nas águas azuis de Porto de Galinhas eram as principais opções do pacato lugarejo de areia branca e cercado de coqueiros.

Procurando mais praias virgens, seguiram para a Paraíba. No Sul do

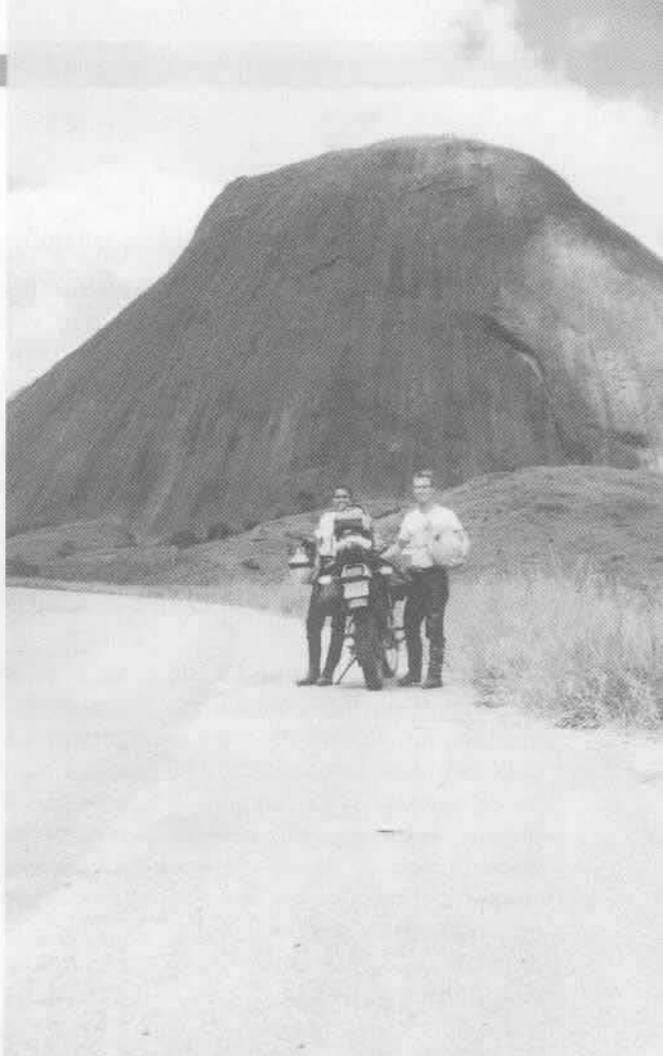
Estado fica a primeira praia oficial de nudismo do Brasil: Tambaba. Este paraíso, cercado de falésias e águas claras, só pode ser frequentado por praticantes de nudismo, ou seja, só entra quem estiver pelado. Há um local, no começo da praia, para deixar os pertences e é proibido entrar com máquinas fotográficas e filmadoras. Marcos e Edith entraram no espírito do local e *vestiram a camisa*, ou melhor, tiraram. No começo ficaram sem jeito e se escondiam. Depois entraram num barzinho. O garçom chegou pelado, segurando uma bandeja e perguntando se eles não queriam tomar alguma coisa. "Depois disto ficamos mais à vontade", conta Marcos.

Moto na estrada novamente, agora rumo a Natal, no Rio Grande do Norte. Lá deixaram a moto de lado e alugaram um *buggy* para passear nas dunas de Genipabu. Conheceram o Motel dos Bugueiros, lugar onde existe um rio de águas mornas que nasce no meio das dunas. O local é o preferido pelos namorados que por ali passam, daí o apelido. Além de andar de *buggy* nas dunas, praticaram *esqui* nos tobogãs naturais, voaram de ultraleve e passearam de jegue. De volta a Natal, deixaram a moto no hotel e pegaram um avião para Fernando de Noronha.

Já no Ceará, conheceram Canoa Quebrada, paraíso dos jovens mochileiros. "A cidade fica no alto das falésias e o mar embaixo", descreve Edith. Ela e Marcos ficaram na pousada Txucarramãe, de proprie-

dade de um médico de Ribeirão Preto que foi passar férias e nunca mais voltou. O médico, que também tinha moto, levou o casal para Ponta Grossa, praia virgem de areia colorida a que só se pode chegar de moto, pois a maré sobe rapidamente e a água bate nas falésias. "Ponta Grossa é um lugar virgem muito bonito", destaca Marcos.

Em Fortaleza, entraram no Fortaleza Beach Park, que tem tobogãs com quedas de quase noventa graus e piscinas com ondas artificiais. Da capital cearense seguiram para Jericoacoara, porém houve um pequeno contratempo com a moto no caminho, quando o casal passava por Amontada, vilarejo com meia dúzia de casas (*leia quadro na página 13*). Antes de chegar em Jericoacoara, tinham pela frente 23 quilômetros de dunas e foram aconselhados pelos moradores a não fazer o trajeto de moto. Deixaram a



Na BR-116, em Minas Gerais, um trajeto cheio de curvas entre vales e montanhas

moto guardada no quintal de uma casa na cidade de Jijoca e pegaram carona em uma perua Rural com tração 4X4.

Mesmo com um veículo apropriado para enfrentar o trajeto de dunas, demoraram uma hora para chegar a Jericoacoara, um lugar iso-

lado e rústico, que não tem luz elétrica nem água encanada. Tudo o que vem para a cidade chega junto com a Rural 4X4. Marcos e Edith ficaram numa pousada com gerador próprio de energia. A diversão do povo, além do forró alimentado pelo gerador da pousada,

é assistir ao pôr-do-sol no alto das dunas e esquiar nos tobogãs de areia. O dono da pousada os levou para conhecer a Lagoa Azul, a maior do Ceará, onde encontraram crianças que jamais viram uma televisão.

O MELHOR AMIGO DO HOMEM

Marcos e Edith contam que nas cidades do interior do Ceará não é comum encontrar cachorros nas ruas. "Lá o melhor amigo do homem não é o cão, é o porco", explica Marcos. Os porcos são tratados como se fossem animais domésticos, ou melhor, como se fossem cachorros.

No interior do Ceará, de-

CONHECENDO A "ESMERALDA"

A ilha de Fernando de Noronha, conhecida como a "Esmeralda do Atlântico", tem 18 quilômetros de extensão e possui fortes, igrejas, praias virgens e piscinas naturais como cenário. Como a ilha é grande, Marcos alugou a moto de um morador para poder visitar todas as praias. Ele e Edith conheceram uma grande variedade de pássaros e peixes que escolheram a ilha para habi-

tar e se reproduzir. Lá o Ibama desenvolve o projeto Tamar, que garante a sobrevivência das tartarugas marinhas. O casal assistiu palestras sobre a preservação do meio ambiente, golfinhos, tartarugas e aves que estão em extinção e habitam a ilha. Nesse santuário ecológico, passearam de barco, mergulharam com golfinhos e deram alimento para peixes nas piscinas naturais.



As águas transparentes das piscinas naturais de Fernando de Noronha.

cidiram que era hora de voltar, pois faltava pouco mais de uma semana para terminarem as férias. Foram para Maceió e ficaram dois dias com a família de Edith, antes de descer o litoral nordestino. Passaram em Mangue Seco, na Bahia. Este é o lugar que serviu de pano-de-fundo para a história de Tieta do Agreste, personagem da obra de Jorge Amado transformada em novela.

Ainda na Bahia, o casal foi até Valença para conhecer o Morro de São Paulo, uma ilha que fica a quatro horas de distância da costa, e ficaram três dias. Como a ilha é uma área de preservação ambiental, deixaram a moto no continente.

As férias estavam quase terminando. Mesmo assim, Marcos e Edith tiveram tempo para apreciar Porto Seguro. Perto do Monte Pascoal encontraram um índio da tribo Pataxós que vendia artesanato de seu povo. Após muita conversa, convenceram o velho índio a tirar fotos em cima da moto. "Ele não queria mais sair dali", conta Marcos, lembrando que o índio não se cansava de elogiar seu "cavalo".

ALDEIA GLOBAL

Na época da viagem, a lambada era a grande sensação do verão e eles foram aprender a dançar no lambódromo. Lá, professores dão um curso rápido de duas horas para os iniciantes. Por volta das oito da noite, chega a banda e os alunos mostram o que aprenderam. Turistas do mundo inteiro dançavam naquele galpão e isto foi marcante para o casal. "Lá dentro tem negro dançando com loiro, japonês, alemão. Todo mundo misturado e dançando no mesmo ritmo", conta Marcos. "Foi o momento mais mágico da viagem, pois a gente tinha a sensação de estar numa aldeia global e, nela, está presente a maior representação do nosso país, como a essência de um perfume", filosofa Edith.

Os três últimos dias de férias

foram gastos na volta a Curitiba, onde Marcos e Edith chegaram no dia 31 de janeiro. A viagem, que totalizou 10.348 quilômetros rodados e uma despesa de cerca de US\$ 3 mil, despertou no casal o amor pelo mar e a idéia de uma nova aventura que deve ser realizada em um ou dois anos: eles agora querem chegar de veleiro até Maceió.

Para a família de Edith, uma surpresa ainda maior que ver o casal estacionando uma moto na frente de casa. Para isso, fizeram cursos de mergulho, de vela e tiraram a habilitação arrais-amador, que permite navegação em áreas curtas. O próximo passo são os testes para conseguir a mestre-amador, licença para poder navegar a costa brasileira. ■



O índio Pataxós, em Porto Seguro (BA), encantou-se com o "cavalo" de 600 cilindradas de Marcos e Edith

OSSOS DO OFÍCIO

Era meio-dia. Ao passar quinhentos metros de um quebramolas, Marcos sentiu a moto dançar. Era um pneu furado. Voltaram até o quebramolas e a molecada do lugarejo levou os visitantes até o Zé-da-Borracharia, o único borracheiro da vila de Amontada (CE). Quando chegaram na casa do Seu Zé, Marcos e Edith perguntaram onde ficava a oficina. Para espanto deles, o borracheiro entrou na casa, abriu uma porta na sala e dentro havia todo o equipamento de borracharia, com bancada e tudo. A oficina era na sala de estar.

"Coloque a moto aqui na sala", disse Seu Zé, já tomando iniciativa e colocando a parte traseira da moto no cavalete. Rapidamente, desmontou a roda, e fez cair um monte de peças. "Nem eu mesmo sabia que a roda tinha tudo aquilo que caiu na sala", confessa Marcos. Preocupado, perguntou ao borracheiro: "Será que o senhor consegue montar tudo isto?" A resposta veio rápido: "Deixa comigo, deixa comigo! Não se avexe, não!" Havia entrado um osso no pneu. Seu Zé tirou o osso, remendou o pneu e, daí, foi só colocar outra câmara e continuar viagem.

UM PROGRAMA PELA VIDA

ENCONTRO FORMA MULTIPLICADORES PARA ATUAR EM TODO O ESTADO



O coordenador do programa, Gerson Freitas, fala na abertura do encontro

O programa de atendimento à Aids desenvolvido pelo Departamento de Serviço Social e Medicina do Trabalho (SRH/DPSM) vai intensificar suas atividades no interior do Estado. Depois de 25 palestras de esclarecimento, realizadas a partir de agosto, 87 empregados de todo o Estado se inscreveram para atuar como multiplicadores do programa em suas regiões, levando a mais gente da Copel ou não informações sobre a doença. Desses, 28 (dos 35 inicialmente selecionados) participaram de um encontro de três dias em Curitiba, em novembro. Eles receberam treinamento sobre a prevenção da Aids e puderam conhecer de perto o trabalho de entidades de apoio aos portadores do vírus HIV.

"O principal desafio das empre-

sas hoje, e da sociedade como um todo, é a qualidade de vida", afirmou o superintendente de Recursos Humanos, Carlos Eduardo de Almeida, lembrando que a Copel já desenvolve um trabalho reconhecido nacionalmente na área de alcoolismo e dependências químicas. "A disseminação do programa de atendimento à Aids é um dos aspectos da valorização dos recursos humanos da empresa, uma das grandes diretrizes da atual diretoria", disse.

Desde sua criação oficial, no início do ano, o programa já foi levado a dois mil empregados da Copel nas dez principais cidades do Estado. "A primeira etapa foi de sensibilização", explica o coordenador do programa, Gerson Freitas. "Agora, com a ajuda dos

multiplicadores, teremos uma estrutura permanente de informação sobre a doença e apoio às pessoas infectadas e seus familiares."

Durante o I Encontro de Multiplicadores do Programa de Atendimento à Aids, os participantes também ouviram depoimentos de voluntários e receberam informações sobre programas desenvolvidos por outras empresas. O psicólogo Antônio Carlos Moreira falou sobre os aspectos psicológicos que envolvem a doença, tanto no que se refere à pessoa infectada como às re-

lações na família e no trabalho. Outros temas foram "Ética e Aids" e "Sexualidade e Aids", abordados respectivamente por Aristides Barbosa Junior, coordenador do Centro de Orientação e Aconselhamento à Aids, e Carlos Nicolau Steibel, do Grupo pela Vida.

No final, uma mesa-redonda reuniu representantes de sete entidades voltadas ao apoio de pacientes com Aids: a Associação Solidários pela Vida, os grupos Dignidade, Esperança, Liberdade e Pela Vida, a Associação Paranaense Alegria de Viver (APAV) e o Centro de Aconselhamento à Aids.

Foram realizadas visitas à casa de apoio ao doente de AIDS do Grupo Sovidá, à casa de apoio à criança HIV positiva da APAV e ao Grupo pela Vida. ■

PARANÁ ANO 2000

Com a presença do governador Jaime Lerner, o seminário Paraná Transporte Ano 2000 reuniu no auditório do Pólo do Km 3, nos dias 28 e 29 de novembro, secretários de Estado, autoridades federais, empresários e especialistas em transporte, engenharia e planejamento. Além da apresentação dos planos de desenvolvimento das secretarias dos Transportes, Planejamento e Agricultura para o ano 2000, o objetivo do evento foi discutir oportunidades de parcerias com a iniciativa privada, a integração entre os investimentos em transporte e energia e a redução do custo Paraná para a atração de novos empreendimentos ao Estado. Experiências estrangeiras em transporte multimodal foram apresentadas por Giuseppe Ruckstuhl e Marco Galazzi (Itália) e Niko Wijnholst (Holanda).

ENERGIA E TRANSPORTE

Para o presidente Ingo Hübert (foto), o seminário representa o surgimento de um novo conceito de infraestrutura, integrando os setores de energia e transportes. "É natural que a Copel se integre aos esforços de outras áreas do Governo para acelerar o processo de industrialização do Paraná, dotando-o de uma infraestrutura capaz de atrair grandes investimentos e agregar valor à produção agrícola", afirmou. Hübert falou dos projetos de construção de quinze novas usinas nos rios Tibagi e Ivaí nas próximas duas décadas, que sustentarão a posição do Paraná como o maior exportador de energia do país. "Serão investimentos em parceria com a iniciativa privada, dentro de um outro conceito de mercado energético", disse.

METINFO FOR WINDOWS

O Sistema Meteorológico do Paraná- Simepar está lançando uma nova versão de seu programa de informação meteorológica, o MetInfo for Windows, que incorpora soluções a diversos problemas apontados pelos próprios usuários. O programa agora suporta cerca de 450 tipos diferentes de *modems*. Outra modificação foi a melhoria da *interface* gráfica com os recursos do Windows. Das dezesseis cores disponíveis na versão anterior, por exemplo, as fotos agora contam com 56 tons diferentes, e podem ser impressas através do PaintBrush. O MetInfo fornece informações sobre a situação do tempo no Estado, previsões para as seis regiões geográficas, temperaturas máximas e mínimas em dez cidades, direção e intensidade dos ventos, visibilidade, avisos de fenômenos adversos, fases da lua e tábuas de marés nos canais do Porto de Paranaguá, Galheta e Sueste.



GERADORES DE CAXIAS

A Copel está analisando as propostas de preço para o fornecimento dos geradores e pontes rolantes da Usina de Salto Caxias. Em ordem crescente, os valores apresentados pelas empresas participantes da concorrência internacional foram os seguintes: Consórcio Industrial Salto Caxias (ABB-Coemsa-BSA), R\$ 32.972.380,24; Consórcio Americano Salto Caxias (IMPESA-Westinghouse), R\$ 33.078.247,03; Consórcio Siemens Pohligh-Heckel, R\$ 35.255.900,99; Sade Vigesa S/A, R\$ 35.523.826,10; e Consórcio Toshiba-Mitsui (Toshiba Corporation-Toshiba do Brasil-Mitsui), R\$ 40.284.554,00. Os preços são referentes a 31 de maio de 1995.



José Mário Moraes e Silva (LAC) fala na abertura do curso

METROLOGIA E QUALIDADE

O Laboratório Central de Eletrotécnica e Eletrônica (LAC - Copel/UFPR) promoveu nos dias 23 e 24 de novembro, no auditório do Instituto de Engenharia do Paraná, o curso *A Metrologia e os Sistemas da Qualidade*. A metrologia é um dos principais recursos utilizados na garantia da qualidade de produtos e serviços de empresas que possuem sistemas de qualidade baseados nas normas ISO 9000. Destinado a profissionais responsáveis por serviços de inspeção, medição e ensaios, o curso abordou os fundamentos da metrologia, as exigências normativas para a certificação ISO 9000 e modelos estatísticos aplicados à metrologia.

GESTÃO DE TECNOLOGIA

Como parte do programa *Fronteira do Conhecimento*, aconteceu nos dias 21 e 22 de novembro, no auditório do edifício-sede, o Seminário Internacional sobre Gestão de Tecnologia. Entre outros temas, foram debatidas as estratégias empresariais de desenvolvimento tecnológico, as tendências da gestão de sistemas de informação e as perspectivas de intercâmbio científico e tecnológico no Mercosul. Os palestrantes foram os professores James Dinwiddie (George Washington University- EUA), Jacques Marcovitch (USP), Carlos Arthur Krüger Passos (UFPR), Luciano Coutinho (Unicamp) e Juan Carlos Carullo (Universidad de Quilmes - Argentina), e Carlos Eduardo Saraiva Guedes, do Banco Interamericano de Desenvolvimento.



MICROELETRÔNICA

Outra promoção do LAC, nos dias 7 e 8 de dezembro, foi o II Seminário Brasileiro de Caracterização em Microeletrônica. O evento é um fórum para a apresentação e debate de trabalhos na área de caracterização de processos e projetos de circuitos em microeletrônica. Também participaram da realização do II SBCM as universidades federais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, a Universidade Estadual de Londrina, a Universidade de São Paulo, a Universidade de Campinas, Equitel, Telebrás e Inatel.

CONCRETO

Já estão sendo selecionados os trabalhos que serão apresentados no II Seminário Nacional de Concreto Compactado com Rolo, que acontece de 10 a 14 de março de 1996 no Centro de Convenções de Curitiba. Coordenado pela Copel-responsável pelas maiores aplicações no Brasil do concreto compactado com rolo, nas obras da derivação do rio Jordão e da Usina



de Salto Caxias-, o evento pretende debater as aplicações dessa tecnologia, pesquisas e perspectivas. Mais informações podem ser obtidas pelos telefones (041) 322-1212, ramal 5586 (José Marques Filho) e 273-3632, ramais 143 e 148 (Maria Leonor de Jesus Soares).

NOVA SUBESTAÇÃO

Começaram em novembro as obras civis da nova subestação do município de Faxinal (60 km de Apucarana, Norte do Estado). O investimento de R\$ 2 milhões irá suprir o aumento da demanda de energia elétrica na região, que deve aumentar ainda mais com a entrada em funcionamento de duas novas indústrias, a Nutrimil e a Adram. Da nova subestação- que vai receber energia em 138 mil Volts- partirão sete linhas alimentadoras: quatro em 34.500 Volts e três em 13.800 Volts. A montagem dos equipamentos eletromecânicos deve começar em junho de 96. A nova subestação entra em operação em outubro do próximo ano.

SEM FILAS

Animada com o sucesso do sistema de auto-atendimento para a obtenção da segunda via da fatura- procurado por 2,5 mil consumidores por mês-, a equipe de atendimento da Agência Centro (Curitiba) ampliou o serviço. Agora, pedidos de desligamento, débito bancário e alterações cadastrais também podem ser feitos no sistema *self-service*. A agência instalou uma bancada com formulários impressos e canetas (foto), com instruções para que o consumidor possa preencher sozinho a solicitação do serviço de que necessita. No caso dos pedidos de desligamento, o cálculo do resíduo final é feito no encerramento do expediente e enviado pelo correio para o cliente. O sistema já está atendendo a cerca de quinhentos consumidores por mês, e despertou o interesse de outras agências, como as de Matinhos e Cascavel, e do Centro Regional de Maringá.

QUALIDADE TOTAL

Com um trabalho na área de manutenção de veículos, a Copel participou do 6º Seminário de Desdobramento do TQC, promovido pela Fundação Christiano Ottoni no dia 8 de novembro. O seminário, que reuniu as principais empresas brasileiras que desenvolvem programas internos de controle da qualidade total, aconteceu no Hotel Transamérica, em São Paulo. O gerente do Departamento de Trans-

portes da Copel, José Danilo Tavares, mostrou como a empresa tem conseguido manter em atividade permanente mais de 90% de sua frota de 585 veículos na Região Metropolitana de Curitiba. "Além de reduzir o tempo de permanência dos veículos na oficina, a aplicação das técnicas do TQC resultou em ganhos operacionais de cerca de R\$ 95 mil ao ano, suficientes para a compra de uma dúzia de carros populares", conta Tavares.



NEGÓCIO DA CHINA

Em busca de oportunidades de negócios e intercâmbio técnico, uma missão liderada pelo engenheiro-chefe do Ministério da Energia Elétrica da China, Zhou Xiaoqian, visitou a Copel no final de novembro. O grupo formado por diretores e técnicos do ministério (foto) foi recebido pelos diretores Miguel Schünemann (DAD) e Lindolfo Zimmer (DOP) e pelos superintendentes Sérgio Lamy (SGM) e Carlos Jorge Zimmermann (CCS). A visita também foi acompanhada por Paulo C. Guimarães, do setor de assuntos internacionais da Eletrobrás. Os técnicos chineses visitaram o Centro de Hidráulica e Hidrologia Prof. Parigot de Souza e as usinas de Foz do Areia e Segredo.

CONSUMIDORES

O presidente do Conselho de Consumidores da Copel, Odair Ceschin, foi eleito vice-presidente do Colégio Nacional dos Conselheiros de Consumidores de Energia Elétrica. A entidade foi

criada em recente reunião de presidentes de conselhos em Salvador, com o objetivo de promover intercâmbio de informações e definir linhas de ação comuns aos conselhos das concessionárias de eletri-

cidade. A criação do Colégio e a indicação ao cargo foram comunicadas por Ceschin à Copel num encontro com o diretor de distribuição Mário Bertoni e Walfrido Ávila (GAP).



TODO MUNDO *Ligadinho*

O BOM VELHINHO

CRIANÇAS GARANTEM QUE O PAPAÍ NOEL EXISTE DE VERDADE

Na noite de Natal do ano passado, Carolina Pires Bertuol, de 7 anos, ganhou a bola de piscina que tinha pedido de presente. Ela conta que, de repente, no meio da festa da família, as luzes se apagaram e apareceu um velhinho de barbas brancas e todo vestido de vermelho. "Na hora eu fiquei com medo", diz Carolina. Mas quando se deu conta de quem era o visitante, até cantou uma musiquinha para ele, que abriu o saco que trazia nas costas e dali tirou a bola que ela tanto queria.

Depois do que aconteceu no Natal passado, Carolina não tem mais dúvidas de que o Papai Noel existe de verdade. Até já mandou uma carta para ele, mas não escrita. Dentro do envelope colocou um desenho que ela mesma fez. Carolina acha que o Papai Noel mora no Pólo Norte, que é um lugar muito frio. Diz que gosta do Natal, e já tem a lista de presentes para este ano: quer ganhar uma bola de vôlei, um computador, um videogame, uma bicicleta e um patim *roller blade*. Só que pediu tudo para a sua mãe, e não para o Papai Noel.

"Acho que ele descobre tudo", diz Guilherme Massuchetto

Neto, de 5 anos, que também pede para a sua mãe e ganha do Papai Noel os presentes. Guilherme acha que o bom velhinho, que é como algumas pessoas chamam o Papai Noel, é "do bem". E conta que já foi até a casa dele com a sua mãe. Ela bateu na porta, mas ninguém atendeu. Guilherme só não sabe dizer onde fica a casa do Papai Noel.

"Para mim, ele mora lá longe, onde tem nuvem", diz Erik Luiz Manosso, de 4 anos. Erik e Guilherme foram até o Shopping Mueller para tirar a foto desta reportagem.

Os dois ficaram um pouco desapontados porque só encontraram o trono do Papai Noel no shopping. O velhinho não estava atendendo àquela hora.

"Que pena", lamentou Guilherme. "Eu queria dizer para o Papai Noel que gosto muito do Natal". "Só que agora ele está almoçando", respondeu Erik. Ou talvez estivesse dando duro, junto com seus ajudantes duendes e a Mamãe Noel, para terminar os brinquedos que vão fazer a festa da garotada neste Natal. ■



Carolina mandou um desenho para Papai Noel, mas preferiu pedir os presentes para a mãe



Guilherme e Erik foram encontrar Papai Noel no shopping



Célio Ricardo Rizardi (SDD/
CRLN/ABVP) fotografou as
casas de João-de-Barro em
Alvorada do Sul.
Mande sua foto para Copel
Informações/Núcleo de
Jornalismo - rua Coronel
Dulcídio, 800 - 7º andar,
Curitiba-PR.